

**O CRIADOR DA SOMATERAPIA NA IMPRENSA DOS ANOS 1980:
REPRESENTAÇÕES DE UM GURU ANARQUISTA**

**THE SOMATERAPIA'S CREATOR IN THE 1980'S PRESS:
REPRESENTATIONS OF AN ANARCHIST GURU**

Giovan Sehn Ferraz*

Resumo: Este artigo faz parte de uma pesquisa maior, na qual analisamos o surgimento e desenvolvimento da Somaterapia, uma técnica terapêutica de pretensão anarquista e científica criada por Roberto Freire na década de 1970. Nesta pesquisa, nossa análise centra-se em como esta terapia emerge do cenário da contracultura e como se constrói e articula o discurso de Freire, buscando compreender como se relacionam entre si estes diversos elementos, isto é, o discurso científico e a contracultura. No presente trabalho, procuramos desenvolver nossa análise sobre como a Somaterapia e seu criador são retratados nos veículos da grande imprensa brasileira, notadamente o jornal Folha de São Paulo, e como esta análise nos auxilia na aproximação cognitiva a nosso objeto de pesquisa, o surgimento e desenvolvimento desta técnica terapêutica. Para isso, utilizamo-nos principalmente da obra bibliográfica de Freire e do acervo digital da Folha como fontes principais, cruzando dados e informações entre as fontes e com a bibliografia acadêmica de referência. Nessa análise, percebemos que a relação entre Freire, a Somaterapia e a grande imprensa é mais complexa do que Freire dá a entender em sua autobiografia, onde a grande imprensa e o jornal Folha de São Paulo são retratados como um bloco único, a serviço do sistema e do capitalismo, que apenas lhe dirigiu injúrias e “fofocas”. Encontramos, nas fontes, diversas referências positivas a Freire e à Somaterapia, denotando, assim, uma relação dinâmica e complexa entre as práticas alternativas e a grande imprensa.

Palavras-chave: Imprensa; Folha de São Paulo; Roberto Freire; Somaterapia; Terapias alternativas.

Abstract: This article is part of a larger research, in which we analyze the rise and development of the Somaterapia, a pretended anarchist and scientific therapeutic technique created by Roberto Freire in the 1970s. In this research, our analysis focuses on how this therapy emerges from the countercultural scenario and how Freire's discourse is built and articulated, trying to understand how these various elements, that is, scientific discourse and counterculture, relate to each other. In this work, we seek to develop our analysis on how the Somaterapia and its creator are represented in the Brazilian big press, notably the Folha de São Paulo newspaper, and how this analysis helps us in the cognitive approach to our research object, the emergence and development of this therapeutic technique. For this, we use mainly Freire's bibliographical work and the digital collection of Folha as main sources, crossing data and information between the sources and with the academic bibliographic references. In this analysis, we perceive that the relationship between Freire, Somaterapia and the big press is more complex than Freire

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, linha de pesquisa Cultura, Migrações e Trabalho, com apoio da Capes. E-mail: giovansf@gmail.com

suggests in his autobiography, where the big press and the Folha of São Paulo newspaper are represented as a single block, in the service of the system and capitalism, which have only insulted him with “gossip”. We found, in the sources, several positive references to Freire and Somaterapia, thus denoting a dynamic and complex relationship between alternative practices and the big press.

Key words: Alternative therapies; Folha de São Paulo; Press; Roberto Freire; Somaterapia;

Introdução

Roberto Freire não é um “infame” (SILVA, 2015, p. 29). Publicou mais de 30 livros, dentre os quais *Cleo e Daniel*, “best-seller entre os estudantes nos anos 1970, vendendo mais de 200 mil exemplares em bancas de revista, no formato de jornal livro”¹. *Sem Tesão Não Há Solução* “ganhou mais de vinte edições e chegou a vender cerca de cem mil exemplares” (SIMÕES, 2011, p. 96). Segundo a historiadora Carla Fernanda Silva, em 1999, “a obra de Freire já vendera mais de 400 mil exemplares, número impressionante para um autor brasileiro que publicou seus principais livros entre as décadas de 1960 e 1990” (SILVA, 2015, p. 14). Além disso, seu nome, bem como da técnica terapêutica criada por ele, circulavam frequentemente entre veículos da grande imprensa, dentre os quais destacamos a Folha de São Paulo, a cujo acervo online tivemos acesso².

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior, na qual analisamos o surgimento e o desenvolvimento da Somaterapia, uma técnica terapêutica de pretensão anarquista e científica criada por Roberto Freire na década de 1970. Nosso problema de pesquisa é analisar como este surgimento se dá em relação ao cenário contracultural, bem como analisar como se constrói o discurso científico de Freire em relação a sua técnica terapêutica, procurando compreender como estes diversos elementos se relacionam entre si, uma vez que o fenômeno da contracultura é marcadamente reconhecido por sua crítica às instituições científicas e ao próprio pensamento ocidental racional.

Ao procurar reconstituir uma história da trajetória de Freire e de sua Somaterapia, entramos em contato tanto com uma bibliografia acadêmica de referência, produzida principalmente por somaterapeutas formados por Roberto Freire ou por antigos clientes e simpatizantes da Somaterapia, quanto com referências esparsas em veículos da grande imprensa brasileira. Neste artigo, procuramos analisar como a Somaterapia e seu criador são retratados nestes últimos, notadamente no jornal Folha de São Paulo³.

1. Anos 80: O contexto de expansão das terapias alternativas

Após a primeira metade da década de 1970, quando no Brasil a psicanálise constituiu voz hegemônica no que tange ao território das psicoterapias, começam a surgir cada vez mais práticas terapêuticas alternativas à psicanálise, tornando-se mais numerosas e presentes a partir do final daquela década. (COIMBRA, 1995; OLIVEIRA, 2002). Segundo o psicólogo e psicoterapeuta corporal Carlos Oliveira, estas práticas atualizavam, de certa forma, “alguns dos anseios das expressões contraculturais dos anos 60” (OLIVEIRA, 2002, p. 1). Também pudera, uma vez que boa parte dos jovens da contracultura dos anos 1960 e 1970 sofreram a violência do discurso psicanalítico e psiquiátrico através da “produção e divulgação de categorias, como ‘subversivo’ e ‘drogado’”. Para a historiadora Cecília Coimbra, através destas categorias, práticas *psi* “colaboraram, efetivamente, para a criação, manutenção e fortalecimento de subjetividades hegemônicas que sustentaram muitos aspectos do estado de terror que se abateu sobre o Brasil” nos anos da Ditadura Militar (COIMBRA, 2004, p. 45, 44).

Segundo a historiadora, muitos profissionais do campo *psi*⁴ atuaram diretamente de diversas formas na manutenção do aparato repressivo da ditadura: “não só ‘acompanhando’ presos políticos torturados, como também dando treinamento a torturadores e elaborando laudos psiquiátricos e psicológicos de presos políticos”. Desqualificando e patologizando, destarte, “aqueles que fazem oposição ao regime militar”, ao mesmo tempo em que fortalecia “na sociedade em geral e nas famílias de classe média, em especial, a crença de que seus filhos são ‘desajustados’ emocional e socialmente e, portanto, ‘doentes’.”. (COIMBRA, p. 48-50). O historiador William Oliveira também compreende que os mantenedores do poder “classificaram como loucura os comportamentos e atitudes” da juventude contracultural que se opôs ao poder, invalidando assim o sujeito e transformando-o em “improdutivo e insociável” (OLIVEIRA, 2011, p. 141, 152).

Desse modo, a partir do final da década de 1970 e início da década de 1980, assiste-se à expansão das psicoterapias corporais, “derivadas em maior ou menor grau da teoria reichiana”⁵, como práticas alternativas à psicanálise, ao mesmo tempo em que as três sociedades “oficiais” de psicanálise atravessavam “seríssimas crises” em decorrência do processo lento e gradual de transição do regime ditatorial ao democrático (OLIVEIRA, 2002, p. 1; COIMBRA, 1995, p. 78). Segundo Coimbra, esse movimento de expansão das terapias alternativas seguirá o caminho aberto pelas práticas psicodramáticas no início dos anos 1970, as quais foram as primeiras a disputar o “mercado monopolizado pela psicanálise”. A autora compreende estas práticas como estreitamente vinculadas ao que chama de Movimento do Potencial Humano. Este movimento, desenvolvido nos Estados Unidos na década de 1960, “intimamente associado

ao movimento contracultural”, engloba diferentes escolas de pensamento, integrando técnicas como a bioenergética de Alexander Lowen, a gestalt-terapia de Frederik Perls, o redescobrimento do corpo, técnicas grupais, corporais, psicodramáticas, defendendo “a liberação do sujeito das amarras sociais”, tendo por ponto comum a ruptura com Freud e o repúdio à psicanálise (COIMBRA, 1995, p. 207, 248-249, 253).

Por outro lado, a autora percebe esta expansão das terapias alternativas como alinhadas ao momento próprio do movimento da contracultura, no qual grande parcela da juventude de classe média, que antes “pretendia mudar a sociedade e a vida”, passa a priorizar a mudança no plano pessoal, nas “repressões internas”, buscando experimentar “uma liberdade desvinculada de uma realidade social concreta”. A procura da juventude pela revolução interna, no aqui e agora, aliada à falta de perspectiva e vazio político, leva muitos jovens a buscarem uma solução individual, reiterando, dessa forma, “o enorme sucesso que as terapias ‘alternativas’ têm, especialmente, entre os jovens” (COIMBRA, 1995, p. 257-259).

Oliveira (2002) atesta intensa difusão das abordagens da psicoterapia corporal na Europa Ocidental ao longo dos anos 1970 e 1980, tendo como referência inspiradora a obra de Wilhelm Reich. Essas abordagens neorreichianas tinham em comum “a crença básica de que a história da pessoa está inscrita em seu corpo, que seus conflitos psíquicos são expressos através da diversidade das manifestações somáticas”, sendo recorrente a ideia da “necessidade de liberação da energia retida, reprimida”. Já no Brasil, o autor verifica três momentos da difusão das principais vertentes da psicoterapia corporal, a partir do seu surgimento em São Paulo, através de José Ângelo Gaiarsa⁶ e Roberto Freire, e no Rio de Janeiro, em torno de David Boadella⁷. O primeiro momento, entre o final dos anos 1970 e início dos anos 1980, é marcado por um “ecletismo inclusivo”, em que “a dispersão e a fluidez convivem com uma tolerância mútua”. Já no segundo momento, ocorre um “movimento preliminar de institucionalização e de delimitação”, enquanto que no terceiro momento acentuam-se as diferenças, “na defesa de suas especificidades” (OLIVEIRA, 2002, p. 7-8).

Coimbra ressalta que, no Brasil, as práticas neorreichianas seguirão os discípulos da última fase da pesquisa de Wilhelm Reich: Alexander Lowen, David Boadella e Gerda Boyessen, os quais “esquecem” a dimensão sócio-política do corpo da teoria reichiana, trabalhada com maior ênfase por este nas primeiras fases de sua pesquisa. A autora reconhece em Gaiarsa o pioneirismo em “iniciar uma psicoterapia individual e grupal de fundamentação reichiana”, desde a década de 1960, e em Roberto Freire influência marcante em muitos “corporalistas” por todo o Brasil. Ao falar sobre a Somaterapia de Freire, a autora, no entanto,

afirma que, dentre todos os “corporalistas”, Freire é o único “que traz em seus discursos a palavra política de forma clara”⁸ (COIMBRA, 1995, p. 275-277, 284, 287).

Joaquim Roberto Corrêa Freire (1927-2008) ficou muito conhecido pela sua diversidade de campos de atuação profissional. Formado em medicina em 1952 pela Faculdade Nacional de Medicina da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, pesquisou e especializou-se em endocrinologia, trabalhou com Psiquiatria e, em 1958, iniciou sua formação em Psicanálise, abandonando a mesma sem completá-la em 1963. No final da década de 1950 e início da década de 1960 aproximou-se do campo teatral, tornando-se médico e, posteriormente, professor de Psicologia do Ator e Psicologia da Arte Dramática na Escola de Arte Dramática. Logo, escreveu as peças de teatro *Quarto de empregada* e *Gente como a gente*. No início da década de 1960, tornando-se presidente da Associação Paulista da Classe Teatral e do Teatro Brasileiro de Comédia, ambas experiências de curta duração. Escreveu a peça *Sem Entrada e Sem Mais Nada* e aproximou-se da organização socialista Ação Popular, ajudando a criar e tornando-se diretor responsável do jornal *Brasil, Urgente!* em 1962.

Dirigiu também o *Serviço Nacional de Teatro* e elabora o *Plano Nacional de Popularização do Teatro* antes de ser preso pela primeira vez logo após o golpe que instaurou a Ditadura Militar no Brasil em primeiro de abril de 1964. Apesar das prisões recorrentes, 13 vezes durante todo o período ditatorial, Freire continuou a militar clandestinamente pela Ação Popular e ajudou a criar, em 1965, com a juventude universitária da Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), o TUCA (Teatro da Universidade Católica), tornando-se diretor artístico do mesmo. Ainda na década de 1960, Freire trabalhou como repórter da revista *Realidade* entre 1966 e 1968, escreveu novelas para a TV Record e participou como jurado de diversos Festivais de Música. Durante uma de suas prisões, rascunhou seu primeiro romance, *Cleo e Daniel*, *best-seller* publicado em 1966 e adaptado ao cinema em 1969. Freire acabou por se decepcionar completamente com esta experiência no cinema, compreendendo-a como grande fracasso e, envergonhado, fugiu à Europa no início dos anos 1970, onde entrou em contato com os laboratórios de teatro de Jerzy Grotowski e com a peça *Paradise Now*, do grupo anarquista de teatro estadunidense *Living Theater*. A partir deste contato, conheceu a obra de Wilhelm Reich e iniciou, assim, suas pesquisas que culminariam na constituição da Somaterapia entre 1972 e 1977. (FREIRE, 1977; 1988; 1991; 1995; 2000; 2002). Porém, sua técnica terapêutica só seria melhor conhecida pelo público brasileiro a partir de meados da década de 1980, quando começou a aparecer de forma mais recorrente nos veículos da grande imprensa.

2. O charlatão das terapias alternativas

Em sua autobiografia, Roberto Freire demonstra uma aversão recorrente em relação à grande imprensa brasileira, compreendendo-a como a serviço do sistema e do poder, e opondo-a ao jornalismo por ele praticado em veículos como *Brasil, Urgente!*, *Realidade* e *Caros Amigos*. Ao falar sobre a criação de *Brasil, Urgente!*, Freire fala sobre como intentava-se veicular as “informações corretas sobre a realidade brasileira e mundial, *desmentindo as veiculadas por todos os jornais brasileiros* com informação e formação reacionárias e capitalistas, financiados pelo poder econômico e internacional”. Sobre *Realidade*, o objetivo era revelar “*a verdade sobre os problemas da vida brasileira*”, mais uma vez dando a entender que os demais veículos da imprensa apenas circulariam inverdades (FREIRE, 2002, p. 155, 245, grifos nossos).

Porém, ao longo de nossa pesquisa, encontramos apenas duas críticas endereçadas à Somaterapia de Freire na grande imprensa, notadamente na Folha de São Paulo. As demais referências encontradas a Freire, pelo contrário, quando não denotam uma estreita relação publicitária entre a Somaterapia e o jornal (como no caso dos anúncios), reiteram e reproduzem o discurso freireano acerca de si mesmo e de sua técnica terapêutica, apresentando-o como um personagem excepcional que luta incansavelmente contra o sistema e o poder instituído.

2.1 Superficialidade infantil na disputa mercadológica

A primeira das críticas encontradas situa-se em uma matéria intitulada *Terapias alternativas e tradicionais disputam os problemas dos pacientes*, a qual foi publicada na Folha de São Paulo, em agosto de 1985. Nesta matéria, cuja autoria não é citada, fala-se de um suposto movimento de retorno dos pacientes à psicanálise, salientando-se uma expansão da prática psicanalítica no Brasil.

Se houvesse hoje uma liquidação de divãs em alguma loja de móveis da cidade, ela provavelmente seria muito concorrida. Cada vez menos discretamente os pacientes estão voltando à posição horizontal recomendada, já no início deste século, pelo médico vienense Sigmund Freud como a mais adequada para compartilhar segredos e sussurros imersos em luz difusa, com o psicanalista. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1985, p. 27).

No entanto, do outro lado, as práticas alternativas continuariam a surgir:

Apesar disso, métodos mais novos, intensos e fulminantes continuam brotando nos consultórios e dividindo uma clientela disposta a “fazer” a própria cabeça. Os clássicos psicanalistas ou os alternativos terapeutas

reivindicam a hegemonia nesse mercado de angústias, sonhos e frustrações sempre à disposição. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1985, p. 27).

Percebe-se o esforço do autor em colocar a disputa entre a psicanálise e as terapias alternativas como uma disputa meramente mercadológica, em que as práticas alternativas surgiriam como meras novidades, “intensas e fulminantes”, utilizando-se de uma certa roupagem de “moda” apenas com o objetivo de elevar-se na concorrência com a tradicional psicanálise. Roberto Freire é citado logo no início da matéria, com seu *Viva Eu, Viva Tu Centro de Estudos* que, aberto apenas dois meses antes da publicação da matéria, já haveria atraído 250 pessoas para sua “ecclética maratona de exercícios corporais, dança, lutas, psicodrama e sensibilização”, contrapondo-se à tendência diagnosticada pelo presidente da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Fábio Herrmann, de que “os terapeutas e seus pacientes estão retornando à psicanálise”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1985, p. 27).

Apresentada como entrave ao movimento de retorno à psicanálise, a Somaterapia de Roberto Freire é também abordada de uma forma um tanto superficial e cínica. O autor da matéria coloca que a mesma, “*genuinamente nacional* e resultado da adição de algumas correntes ‘*dissidentes*’ de Freud”, “não chega a ser uma coisa nova”. Ressaltando-se a utilização de aspas no termo “dissidentes”, colocando em xeque, portanto, o caráter realmente dissidente destas correntes, como se estas, na realidade, não se opusessem de fato ao criador da psicanálise. O caráter de “genuinamente nacional”, como se verá na sequência, parece ser apresentado como se fosse uma das características diferenciadoras deste produto mercadológico frente a uma versão importada, o método Fischer-Hoffmann. A seguir, o autor da matéria utiliza novamente as aspas, colocando em dúvida a eficácia da técnica terapêutica em seu objetivo de libertação: “A somaterapia não leva mais de doze meses para ‘*libertar*’ o paciente em sessões semanais que custam Cr\$ 140 mil mensais”. Nota-se a ênfase no valor e na duração da terapia, reiterando o esforço de enfatizar o caráter mercadológico da mesma, que a distinguirá do elevado preço e da longa duração da psicanálise. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1985, p. 27, grifos nossos).

No seguimento da matéria, cita-se também o método Fischer-Hoffmann, “importado dos Estados Unidos em 78”, apresentado como “outra novidade que também está virando moda”, reafirmando, assim, o esforço de apresentar as diferentes propostas terapêuticas enquanto diferentes produtos disponíveis no mercado da neurose. Ainda são citados na matéria o Rolfing, o Movimento Rolfing, o RPG (Reestruturação Postural Global), a gestalt-terapia e a Análise Transacional, trazendo depoimentos favoráveis de pacientes e terapeutas, quase demonstrando uma simpatia momentânea a estas práticas terapêuticas. Porém, a insistência em

apresentar as práticas como “novidades” e “moda” corrobora o posicionamento observado anteriormente no autor da matéria. Para não sobrar quaisquer resquícios de dúvida, o encerramento da matéria é esclarecedor. A ênfase do autor em apresentar as terapias alternativas como moda, com curta duração em oposição à psicanálise, vai perfeitamente ao encontro da crítica realizada pelo presidente da Sociedade de Psicanálise citada:

“Toda moda é uma expressão de insuficiência. Para a comunidade psicoterápica esse é um fenômeno ruim”, diz o psicanalista Herrmann, que defende a ideia de que as pessoas procuram a “simplificação dos problemas” com as terapias alternativas. “Análise se mede em anos, e não tem tempo pré-determinado.” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1985, p. 27).

Não bastando a crítica, a matéria ainda aponta uma saída: o caso exemplar do psicólogo Nelson D’Angelo Ribeiro que, tendo trabalhado anteriormente com a Análise Transacional, “que já esteve muito em moda nos anos 70”, retornou ao “velhinho”, como chama carinhosamente Freud. Teria dito o psicólogo, citado na matéria: “[...] a superficialidade, se podemos chamar assim, já não me satisfazia. Com Freud, e só com o ‘velhinho’, é que se pode ir fundo”. Finalizando a matéria, o autor procura resgatar um certo senso de imparcialidade, apontando as críticas mútuas realizadas entre a psicanálise e as terapias alternativas, as quais “não chegam a afastar os pacientes dos consultórios e das novidades”. Porém, o fechamento se dá com a citação da “explicação mais *engraçada* para o ‘retorno’ a Freud”, do psicólogo Ribeiro: “Analista é como criança: quando começa, quer pegar, tocar no paciente. Não aguenta deixá-lo no divã. Depois cresce, fica maduro e volta a Freud.”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1985, p. 27, grifo nosso). O adjetivo “engraçada” para a explicação não esconde a impressão que se procura criar de que esta é, de fato, a melhor explicação para o fenômeno.

A Somaterapia de Roberto Freire é retratada, dessa forma, como apenas mais uma novidade no mercado de práticas terapêuticas. Uma abordagem superficial e infantil, ao lado de tantas outras alternativas menores à psicanálise, a qual é apresentada como a única forma séria e “madura” de lidar com os problemas psicológicos.

2.2 Um guru anarquista nos camelôs do ego

Em outra matéria, a crítica realizada à Somaterapia de Roberto Freire é um pouco mais elaborada e, diferentemente da anterior que ocupara apenas uma página do Primeiro Caderno do jornal, a esta são dedicadas as páginas de 18 a 26 do caderno Folha D, com direito a chamada na capa do jornal com uma foto de Freire. Esta matéria, intitulada *Camelôs do Ego* e publicada na Folha de São Paulo em agosto 1989, marcou bastante a memória de Freire. Em sua

autobiografia, o autor coloca que críticas como a realizada nesta matéria “possuem apenas o caráter de ‘fococas’, maledicências ignorantes e que, na realidade, não contestam coisa alguma e apenas revelam o nível de ignorância de quem as pratica”. O autor ainda afirma, a respeito da referida reportagem da Folha, que esta utiliza “falsas e montadas entrevistas comigo e com José Ângelo Gaiarsa a respeito de nosso trabalho”, tratando-se de “artigos imbecis de tão ignorantes e medíocres”. (FREIRE, 2002, p. 287-288). Não bastando demonstrar seu desgosto em relação à matéria, Freire vai além e também contra-ataca o autor da mesma:

O mais curioso dessa publicação foi o fato de o jovem jornalista que pesquisou a Soma haver sido um antigo candidato a se utilizar dela, logo desistindo *por apresentar graves sintomas persecutórios de tipo esquizofrênico*. Poucos meses depois dessa publicação, fomos informados de ele haver sido internado numa clínica psiquiátrica. (FREIRE, 2002, p. 288, grifo nosso).

Percebe-se que, ao dar vazão a seu ressentimento em relação à crítica publicada no jornal, Freire acaba por reproduzir a mesma estratégia utilizada pelo campo *psi* tradicional, conforme apontado por Coimbra (1995) e Oliveira (2011) no início deste artigo, ao utilizar categorias referentes à loucura para invalidar e desqualificar o sujeito. Compreendemos, destarte, como na análise historiográfica deve-se tomar o cuidado de não incorrer no erro de pautar-se apenas pelas autoafirmações dos sujeitos históricos. Roberto Freire coloca-se de forma recorrente contra a psiquiatria e a psicanálise tradicionais, compreendendo sua própria técnica terapêutica como antipsiquiátrica e, por vezes, até como antipsicoterapêutica. Percebemos, em trechos como esse, como essa relação entre Freire e o campo *psi* instituído é mais complexa do que aparenta e não se resume apenas à alegada oposição. Da mesma forma, compreendemos a relação entre Freire e a grande imprensa brasileira, notadamente, neste artigo, a Folha de São Paulo, como veremos melhor no próximo capítulo deste artigo.

De qualquer forma, compreendemos que o desgosto expresso por Freire em relação ao jornal e à referida matéria também não é gratuito. Percebe-se, de fato, uma aversão do jornalista em relação à Somaterapia que compromete quaisquer intenções de imparcialidade e objetividade. Nesta matéria, Freire é apresentado como “guru” das terapias alternativas, com sua Somaterapia fazendo parte de uma “rede de fórmulas rápidas para ‘mudar de vida’ ” ao lado do “sucesso prometido por cursinhos que oferecem performance nota 10”. Aqui, Freire é novamente apontado como “suposto herege da psicanálise”⁹, colocando-se em dúvida sua real dissensão em relação à teoria freudiana (FOLHA DE SÃO PAULO, 1989a, p. 18). O autor da matéria, que suspeitamos ser o mesmo da seção interna seguinte¹⁰, não economiza seu cinismo ao apresentar a figura de Freire:

O escritor, jornalista, anarquista e terapeuta Roberto Freire, uma espécie de papa da “liberação” na era hippie-alternativa, continua hoje um prestigiado guru de gente que – talvez voltando a pé das duas últimas décadas – persegue a construção de uma “cabeça” livre da repressão do “sistema”. Desejo que uma movimentada cadeia de “fast-food” terapêutico se esmera em atender. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1989a, p. 18).

Percebe-se, novamente, o esforço em colocar as terapias alternativas dentro de uma espécie de *shopping center* de produtos terapêuticos cujo único objetivo é angariar lucros a seus terapeutas/vendedores. “Em contraste com os adeptos das terapias alternativas”, na mesma matéria são apresentados “métodos que prometem, em pouco tempo, acrescentar novos atributos a uma imagem pessoal em atrito com este mesmo ‘sistema’”, métodos cujo objetivo não é libertar, mas “lustrar” o ego, “e aprender a técnica de integrá-lo às exigências sociais do sucesso”. A Somaterapia e as terapias alternativas são apresentadas, assim, com “professores de oratória, boas maneiras, poder mental e congêneres”, como a “face e a contraface desta rede de ‘camelôs do ego’ que, em polos diferentes, acenam com uma mesma mítica e cobiçada mercadoria: a vida nova”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1989a, p. 18). O esforço de colocar a Somaterapia como um produto de mercado é ainda mais explícito na legenda de uma foto de Freire na página seguinte: “Roberto Freire usa conversa e método heterodoxo de terapia para vender uma ‘cabeça’ nova e uma sexualidade que não se curva às pressões do ‘sistema’” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1989a, p. 19).

Nelson Blecher, que assina a primeira seção interna à matéria *Camelôs do Ego*, intitulada *O último guru*, descreve seu contato com uma sessão de Somaterapia liderada pelo somaterapeuta Caetano Nucci, onde não deixa de ilustrar a experiência observada com passagens que já apontam para seu estranhamento em relação ao grupo terapêutico: “Uma delas, meio gordinha, fica só de camisa e calcinha transparente, apesar do frio imenso”; “Depois, eles pulam em círculos aos gritinhos, como índios em pé de guerra”; “Cada qual parece mais interessado em relatar sua própria experiência” (BLECHER, 1989, p. 20).

A relevância de algumas informações colocadas pelo autor, no momento em que são colocadas, apontam para a existência de uma intencionalidade que beira uma apologia à moral e aos “bons costumes”, na acepção mais conservadora desses termos. Em determinado momento, o autor ressalta “Freire interrompe a entrevista para atender o telefone. Comemora com um amigo a separação da irmã.”. Na sequência, fala sobre as maratonas realizadas pelos grupos de somaterapia em meio à natureza de Visconde de Mauá, porém, não deixa de acrescentar: “Há somaterapeutas e clientes que encaram a proposta, digamos, na sua forma mais

radical – e andam despidos. Um morador diz que às vezes era acordado à noite por ‘gritos primais vindos da mata’, num lugar que antes era sossegado”. Por fim, de forma mais explícita, ao citar fala de Freire na qual este, com 62 anos, diz dar “vexame” ao sair com sua namorada de 23 anos, por quem é “profundamente apaixonado”, o autor da matéria comenta, após a citação, apenas: “Os três filhos de Freire são adultos e ele já é um avô”, sem maiores esclarecimentos da relevância desta informação neste momento do texto. (BLECHER, 1989, p. 21). Difícil não interpretar estes trechos como um esforço do autor em apresentar uma imagem de Roberto Freire enquanto um personagem imoral, que comemora fins de casamento, atrapalha o sossego alheio e, *apesar* de ser pai e avô, não se envergonha (como supostamente deveria) de sair com uma namorada tão mais jovem que ele.

Na sequência, o jornalista relaciona a figura de Freire a de um “guru” no sentido mais estrito do termo, citando “pessoas ligadas ao círculo íntimo do terapeuta” que disseram ter Freire sempre buscado cultivar “um ‘clima de tietagem’ ao seu redor”. Outra cliente citada teria comparado Freire a Osho¹¹, dizendo terem os dois “muito em comum”. Blecher, como aporte a este argumento de que Freire se trata de um “guru”, traz também depoimento de um psicólogo que afirma: “Muitos profissionais tendem a substituir a investigação do paciente, colocando-se como guia”. Na sequência, é mais explícito em sua crítica, citando um analista junguiano que diz: “[...] o próprio paciente busca o charlatão e o falso profeta no analista e inclusive incentiva estes aspectos” (BLECHER, 1989, p. 21). Salienta-se que nenhum destes autores citados refere-se a Freire e à Somaterapia, porém, da forma como estes argumentos de autoridade são utilizados por Blecher, tem-se a impressão de legitimarem diretamente seu discurso.

Ao falar sobre os exercícios de desbloqueio da criatividade utilizados por Freire junto aos teatrólogos Myrian Muniz e Sylvio Zilber, do Centro de Estudos Macunaíma, Blecher salienta que “este ‘desbloqueio’ não raro resultava também *em tremenda confusão mental e desequilíbrio emocional*”, utilizando, para embasar sua afirmação, depoimento de ex-paciente de Freire, que diz: “Aquele era um lugar efervescente, e vivíamos uma época de liberação, protestos, hippismo e drogas”, “Eu usava poncho e conga e tudo mais que tinha direito”. A associação feita entre os elementos da contracultura citados pelo ex-paciente e a “tremenda confusão mental e desequilíbrio emocional” defendidos por Blecher só encontra respaldo, novamente, em uma preconceituosa moral dos bons costumes defendida implicitamente pelo autor (BLECHER, 1989, p. 21).

Trazendo também José Ângelo Gaiarsa para o foco de sua crítica, o autor novamente coloca as terapias alternativas como meros produtos mercadológicos, compreendidos como opções mais “agradáveis” que a psicanálise:

[...] hoje, os neuróticos que não querem recorrer ao divã do velho Freud, contam com um arsenal de técnicas “agradáveis” – colchões, danças, relaxamento – e podem até se ligar gratuitamente na “teleterapia” do psiquiatra José Ângelo Gaiarsa – tudo tão rápido, descartável, e em geral inconsistente, quanto se servir de uma “fast-food”. (BLECHER, 1989, p. 22).

Wilhelm Reich, cuja teoria serviu de base para as terapias corporais, bem como para Gaiarsa e Freire, também não escapa do cinismo de Blecher: “terminou seus dias numa prisão americana, abandonado por todos quando acreditava ter inventado uma ‘máquina para produzir Orgone’, uma espécie de energia cósmica”. Blecher termina sua seção tratando, novamente, a Somaterapia e a diversidade de práticas terapêuticas alternativas à psicanálise como um conjunto confuso de produtos mercadológicos, associando-as inclusive a práticas religiosas. Citando uma tese de mestrado da Unicamp, de Roberto Yukata Sagawa, na qual este diria, a respeito das terapias alternativas: “A todo momento pode surgir uma nova moda, um dissidente pode insurgir-se contra o guru e formar um novo grupo”, citando as seguintes terapias: “a análise transacional, transpessoal, psicodinâmica do feto, terapia da vida passada – alguns dos artigos à venda pelos camelôs do ego” (BLECHER, 1989, p. 23).

Na seção seguinte, intitulada *Terapias brotam como seitas*, o autor Paulo César Souza, mestre em história pela Universidade Federal da Bahia, associa o “boom” das terapias alternativas ao “crescimento das seitas religiosas”, colocando as primeiras como endereçadas à “classe média alta letrada e descrente” e as últimas aos “não tão sofisticados e menos ‘favorecidos’”. O paralelo encontrar-se-ia na busca pela cura, pelo consolo, pelo “aconselhamento espiritual fora da ortodoxia”. O autor aborda a diversidade de terapias alternativas, que no Brasil “proliferam como cogumelos depois da chuva”, como “migalhas do banquete freudiano”, constituindo uma grande “confusão” que, “por sua própria natureza”, “é o meio onde florescem os charlatães”. O autor ainda indica que “em geral, os psicanalistas freudianos são mais confiáveis”, porém, salienta que tudo depende da “espécie do problema e do tipo da pessoa”, indicando o guia de Joel Kovel para o “consumidor de terapias” se informar e não acabar levando “gato por lebre” (SOUZA, 1989, p. 23). Mais uma vez, o cenário terapêutico é apresentado como uma estante de produtos mercadológicos, para os quais existe até guia publicado. O autor, neste caso, coloca-se ao lado do consumidor, auxiliando-o a não cair nas mãos de “charlatães”.

As páginas seguintes são dedicadas à contraface das terapias alternativas, o “outro lado” da estante dos camelôs do ego, os “cursos comprometidos com o chamado ‘desenvolvimento pessoal’ ”. Nesta seção, intitulada *Performance nota 10*, o autor Nelson Pujol Yamamoto cita os cursos de caligrafia de Edison de Franco, Metodologia do Desenvolvimento Intelectual da escola Intellectom, *Effective Mental Performance*, administração do tempo de Renato Bernhoeft, redação para empresários da W2, oratória de Reinaldo Polito, a Escola Christine Yufon de Etiqueta e até mesmo o curso “Lei de Gerson”, de Donato Guedes, que “envolve cerca de 80 técnicas para se levar vantagem em tudo, como brigas fictícias para burlar contas de restaurante, manobras para penetrar em festas” etc e o curso de sobrevivência na selva da escola Pé de Poeira. Nos depoimentos citados, chama a atenção o discurso empresarial, pautado no sucesso individual, e a generalização da categoria “brasileiro”: “O brasileiro é antes de tudo um indisciplinado”, “O brasileiro não sabe planejar”, “O brasileiro é muito dispersivo”, “O brasileiro tem muita rigidez e pouca informação”. Todos os cursos citados encontram referência detalhada ao fim da reportagem, com endereço e telefone. (YAMAMOTO, 1989, p. 24-27).

A essa matéria, *Camelôs do Ego*, publicada em 6 de agosto 1989, foram feitos comentários desgostosos de leitores, publicados no Primeiro Caderno do mesmo jornal no dia 6 de setembro de 1989¹². Um dos comentários, inclusive, é assinado pelo somaterapeuta Caetano Nucci, citado na matéria, com “mais três assinaturas”, de São Paulo. A crítica do comentário é à “superficialidade e mesmo má-fé do jornalista”, identificando trechos em que o mesmo haveria manipulado “palavras, frases etc, e até mesmo expressões claramente inseridas no contexto para ridicularizar”. Outro comentário, assinado por André Luiz Capri, também de São Paulo, afirma que o autor Nelson Blecher “distorceu e colocou fora de contexto as informações”, com a intenção de “desmoralizar não só a somaterapia mas todas as formas de busca de uma vida mais saudável e prazerosa que aquela que a atual organização social nos oferece”. Há ainda um terceiro e último comentário, assinado por Maria do Carmos Pontes Quevedo, de Brasília. A leitora expressa “insatisfação, e mesmo irritação, por ver um assunto que reputo muito sério, do ponto de vista científico, terapêutico, social e político, ser tratado de maneira tão superficial e vulgar” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1989b, p. 3). A resposta do jornalista aos comentários procura salvaguardá-lo no território da imparcialidade objetiva, opondo-o à falta de objetividade dos comentários:

As cartas não apontam fatos objetivos capazes de desmentir o conteúdo da reportagem que, apoiada em entrevistas e na apuração de informações devidamente checadas, - procurou apenas retratar os bastidores das chamadas

“terapias alternativas” que proliferam no país. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1989b, p. 3).

Como vimos anteriormente, o esforço de objetividade e imparcialidade do jornalista passou ao largo em vários trechos nos quais seu posicionamento de aversão às terapias alternativas e à Somaterapia é bastante explícito. A presença e publicação dos comentários dos leitores no jornal nos leva a interpretar que, provavelmente, muitos outros comentários foram enviados ao jornal, tornando, assim, desinteressante à equipe do jornal apenas ignorá-los. A presença de comentários críticos à reportagem, defendendo a Somaterapia, aponta para uma certa popularidade da terapia junto aos leitores do jornal, ou, no mínimo, a uma mentalidade favorável às terapias alternativas como um todo. É possível, no entanto, que simplesmente boa parte, ou até mesmo o todo dos comentários tenha sido enviado por somaterapeutas e clientes da Somaterapia, o que, por seu lado, não aponta para uma interpretação muito diversa daquela, atestando uma presença marcante de somaterapeutas e clientes/simpatizantes da terapia entre os leitores.

3. “O homem da alegria e da luta”

As críticas feitas a Roberto Freire nas matérias analisadas, de fato, apontam para uma relação de animosidade entre Freire e a grande imprensa brasileira, representada, neste caso, pelo jornal Folha de São Paulo. Em sua autobiografia, Freire extrapola a crítica à matéria *Camelôs do Ego* endereçando-a a todo o conjunto do jornal Folha de São Paulo, generalizando, dessa forma, todas as edições desse jornal, como se o jornal houvesse sempre repudiado Freire e sua técnica terapêutica: “Este é um bom exemplo dos desserviços que esse jornal presta à população de São Paulo. Para nós, da Soma, e para os nossos jovens clientes, esse jornaleco só produziu risos e desprezo a esse tipo de imprensa marrom.” (FREIRE, 2002, p. 288). Porém, como salientamos anteriormente, embora seja compreensível que estas críticas tenham deixado marcas mais profundas na memória de Freire, é preciso ressaltar que a maioria das referências encontradas a respeito de Freire e da Somaterapia no acervo *online* do jornal Folha de São Paulo são, no mínimo, lisonjeiras.

Antes de analisarmos as matérias elaboradas especificamente sobre a Somaterapia, salientamos que o nome de Roberto Freire e de sua técnica terapêutica aparecem com grande recorrência entre os anúncios publicados no jornal Folha de São Paulo. Entre 03 de agosto e 04 de setembro de 1955, o nome de Roberto Freire aparece 13 vezes em anúncios de indicação de médico. Entre 11 de janeiro de 1958 e 01 de dezembro de 1964, Freire é citado mais de 30 vezes

em notícias e anúncios relacionados com o campo do teatro e das telenovelas, sendo, por vezes, objeto principal de notícias, como as que tratam do Serviço Nacional de Teatro, por exemplo. Já entre 25 de maio de 1978 e 23 de maio de 1991, aparecem cerca de 20 anúncios de cursos, maratonas e palestras sobre a Somaterapia, muitas delas realizadas por Roberto Freire, e algumas pelos somaterapeutas André Maschkvich e Décio Mello, sendo os anúncios relacionados a este último posteriores a sua própria dissensão do grupo principal de somaterapeutas de Freire.

Analisando os anúncios relativos à Somaterapia, percebe-se um aspecto da terapia que é difícil não associar ao caráter mercadológico apontado por aquelas críticas realizadas nas matérias que analisamos anteriormente.

Somaterapia. O Espaço Cultural Viver está promovendo um curso baseado na teoria de Reich e suas experiências com teatro, psicologia e formas alternativas de terapia, como a Gestalt, a Bioenergética e Anti-Psiquiatria. O método procura reunir todos estes recursos em uma proposta de autoconhecimento e desenvolvimento de uma estratégia pessoal mais livre de vida. O curso de Somaterapia é ministrado pelo psicólogo e escritor Roberto Freire. Informações à r. Bela Cintra, 1491, tel. 852-2896. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1984, p. 9).

Experimente somaterapia. Dias 14 e 15 (sábado e domingo que vem), Roberto Freire vai realizar uma maratona de Somaterapia no seu “Viva Eu, Viva Tu” (r. Cel. Lisboa, 966, Vila Mariana, zona sul de São Paulo), das 9 h às 12 h e das 14 h às 17 h. Quem quiser experimentar o método “de conteúdo político-libertário, baseado nas teorias de Reich e nos conceitos revolucionários da anti-psiquiatria”, é só telefonar para 572-3977. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1985c, p. 2).

SEM TESÃO NÃO HÁ SOLUÇÃO. Este é o tema da conferência de Roberto Freire no Auditório da Folha de São Paulo no dia 1º de agosto às 20:00 hs. [...] (FOLHA DE SÃO PAULO, 1986, p. 96).

Entre 01 de junho e 29 de dezembro de 1990, a Somaterapia aparece como apenas mais uma modalidade das ofertadas pelo Espaço Viver Dança & Cia, cujos anúncios oferecem

[...] desconto de 20% nas mensalidades ou na taxa única dos cursos de oficina de interpretação para cantores, oficina de teatro, dança e música para crianças, adolescentes, adultos, terceira idade, dança moderna, servillamas, rumba flamencas, balé clássico, reestruturação corporal, dança do ventre e Somaterapia. (FOLHA DE SÃO PAULO, 1990, p. 8).

Em nenhum dos diversos anúncios, por mais que se fale em “conteúdo político-libertário” e em “conceitos revolucionários da anti-psiquiatria”, a palavra Anarquismo ou Anarquista aparece uma única vez. Ressaltamos, obviamente, o contexto complexo que envolve

a publicação dos anúncios citados. A realidade socioeconômica que envolve toda e qualquer prática alternativa, seja terapêutica ou relativa a qualquer outro serviço, situa-se dentro de uma sociedade organizada em princípios capitalista e mercadológicos, na qual, para se manter e se reproduzir, a prática alternativa muitas vezes acaba por, em alguma medida, “jogando o jogo”, como ao cobrar por seus serviços ou fazer anúncios com linguagem publicitária, por exemplo. O que, de forma alguma, deslegitima tal prática ou lhe tira a razão de ser. Por outro lado, percebemos também uma certa tendência no discurso freireano em minimizar este aspecto, contribuindo para uma imagem de pureza ideal de seu anarquismo que não seria tocada pela sociedade capitalista circundante, criando-se a impressão de que Freire e a Somaterapia existem, de fato, à “margem” do sistema.

Em maio de 1978, há dois anúncios relativos a um curso de Somaterapia, ministrado por Freire no Centro de Estudos Macunaíma, com duração de apenas um mês, com aulas “às segundas e terças, das 20 às 23 horas”. O caráter do anúncio é totalmente informativo, anunciando a abertura das inscrições para o dito curso. A dúvida que paira é sobre no que consiste este curso, uma vez que, desde sua primeira publicação sobre a Somaterapia em 1977 (FREIRE, 1977), Freire sempre deu informações precisas sobre o tempo de duração de sua terapia, sendo de 8 meses em meados da década de 1970, 12 meses por volta de 1980 e, finalmente, 1 ano e meio por volta do lançamento de sua autobiografia (FREIRE, 2002). Além da terapia, Freire cita também frequentemente a prática das maratonas, encontros inaugurais com exercícios terapêuticos da somaterapia concentrados em um final de semana, de onde sai um novo grupo de terapia. Não temos nenhuma informação, em toda obra de Freire, acerca de um curso com um mês de duração. A única interpretação possível que nos aparece é de que se trata de uma experiência de caráter extraordinário, talvez experimental, que não vingou e, portanto, não mereceu recordação ou menção por parte de Freire em sua obra bibliográfica. A existência de tal experiência de caráter extraordinário aponta, mais uma vez, para o caráter dinâmico e fluído do processo de desenvolvimento desta técnica terapêutica que, como todo processo humano, não se deu em uma linha reta, numa trajetória toda coerente, sem rupturas e contradições.

Entre 1979 e 1981, aparecem também duas menções bastante honrosas a Freire. Em uma delas, o jogador de futebol Reinaldo fala elogiosamente sobre sua vivência na Somaterapia de Freire:

“É um curso pesado, em que você se encara sem subterfúgios. Então percebe as pressões a que está submetido diariamente; as neuroses que o cercam nas

idades. É muito útil. Dá a você visão de si mesmo e das pessoas” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1979, p. 13).

Na outra menção, o poeta paulista Ulisses Tavares fala sobre como sua obra foi transformada pela terapia realizada com Freire no Centro de Estudos Macunaíma: “[...] de uma poesia discursiva, panfletária, distante do corpo, passei para outra, onde tudo tem a ver com o corpo e a emoção. Vem daí minha paixão literária e corporal por Roberto Freire [...]”. (SANCHES, 1981, p. 8). Além dos anúncios, notícias e menções, temos ainda, em 27 de julho 1991, *Ame e Dê Vexame*, obra de Freire, aparecendo entre as mais vendidas da semana (FOLHA DE SÃO PAULO, 1991, p. 2).

Em 03 de dezembro de 1977, na primeira página da seção *Ilustrada* do jornal Folha de São Paulo, temos a primeira reportagem deste jornal a respeito da Somaterapia, mais precisamente falando a respeito do lançamento da primeira obra de Freire a tratar da técnica terapêutica, o livro *Viva eu, viva tu, viva o rabo do tatu!* (FREIRE, 1977). A matéria, assinada por Celso Marinho, traz como título *O homem da alegria e da luta: um novo livro de Roberto Freire, o homem que trocou a terapia tradicional pela liberdade do corpo*. Corroborando a linha iniciada no título, a primeira frase do jornalista reitera a fama de Freire que será reproduzida com recorrência entre as obras dos somaterapeutas nas décadas de 2000 e 2010: “Roberto Freire já fez de tudo: teatro, romance, jornalismo, cabeças” (MARINHO, 1977, p. 1).

A reportagem funciona quase como instrumento de propaganda da técnica terapêutica de Freire, reproduzindo com recorrência seu discurso e, inclusive, incorporando conceitos-chave da teoria freireana:

Na sua clínica ele não faz tratamentos psiquiátricos, faz tratamentos somáticos, isto é, trata o corpo do cidadão como um todo. O ponto de partida do seu trabalho terapêutico é Wilhelm Reich e suas pesquisas revelaram que a energia psíquica não é nada mais que uma parte da energia biológica do ser (que por sua vez é uma parte da energia do planeta) [...]. (MARINHO, 1977, p. 1).

Suas críticas à psiquiatria e à psicologia tradicionais são reproduzidas sem maiores comentários, reiterando, inclusive, a imagem de autodidata que Freire tem de si mesmo, como na passagem “Roberto aprendeu tudo fazendo”. (MARINHO, 1977, p. 1). Percebe-se, portanto, que esta reportagem Celso Marinho dificilmente tenha sido recordada por Freire quando este fez sua crítica ao jornal em sua autobiografia. Nesta reportagem, Freire é retratado de forma bastante condizente com seu próprio discurso e a autoimagem que constrói em suas obras bibliográficas.

Em 27 de janeiro de 1985, foi publicada outra matéria, intitulada *O corpo é o reflexo do tempo: O psicanalista Roberto Freire desenvolveu uma técnica que trata conflitos através da energia corporal*, assinada por Maria da Paz, correspondente especial para o caderno *Mulher*. Nesta matéria, até mesmo o caráter alegadamente anarquista da técnica terapêutica de Freire aparece de forma clara e explícita, “um trabalho de grupo [...] baseado em princípios anarquistas”. A afirmação de Freire de que o mesmo nega todo o fundamento teórico da psicanálise é reproduzido sem comentários pela jornalista. A técnica terapêutica é descrita na reportagem de forma quase publicitária, citando-se sua dinâmica de funcionamento, a quantidade de encontros, duração da terapia, indicando, inclusive, quando será a próxima maratona, o preço da experiência, telefone e endereço para contato. Ilustrando a matéria, uma foto de pessoas junto à natureza, provavelmente em Visconde de Mauá, onde Freire possuía um sítio e no qual realizava boa parte de suas maratonas de campo. (DA PAZ, 1985, p. 10).

Percebe-se, mais uma vez, a figura de Roberto Freire sendo retratada de forma bastante positiva pela grande imprensa brasileira, neste caso, o jornal Folha de São Paulo. Seu discurso é frequentemente reproduzido sem maiores considerações, com um tom quase publicitário mostrando apenas os aspectos positivos de sua técnica terapêutica. Isso se opõe à visão unilateral que Freire constrói em sua obra bibliográfica sobre a grande imprensa, tratando-a como apenas a serviço do sistema e do capitalismo e veiculando “fofocas” e “maledicências” sobre sua pessoa. Percebemos, portanto, como a relação entre Freire e a grande imprensa é mais complexa do que aparenta, apresentando aproximações e animosidades de acordo com o período e a conjuntura específicos de cada referência e autoria.

Considerações finais

Em nossa pesquisa, analisamos o surgimento e o desenvolvimento da Somaterapia, uma técnica terapêutica de pretensão anarquista e científica criada por Freire na década de 1970. Procuramos analisar como este surgimento se dá em relação ao cenário da contracultura e como se constrói o discurso científico de Freire acerca de sua técnica terapêutica, procurando compreender como estes diversos elementos se relacionam entre si, uma vez que o fenômeno da contracultura é marcadamente reconhecido por sua crítica às instituições científicas e ao próprio pensamento ocidental racional.

Ao procurar reconstituir uma história da trajetória de Freire e de sua terapia, entramos em contato com diversas referências a estes nos veículos da grande imprensa, notadamente o jornal Folha de São Paulo. Neste artigo, procuramos desenvolver a análise sobre algumas dessas

referências encontradas, buscando compreender como a figura de Roberto Freire e sua técnica terapêutica tem sido representada neste jornal.

Percebemos que não há um jornal-entidade, com desígnios e personalidade própria, que gosta ou desgosta de Freire e da Somaterapia, como às vezes as críticas de Roberto Freire parecem indicar. Sua aversão à “grande mídia” por vezes parece colocá-la como se esta fosse uma organização coerente, sem dissensões e contradições internas, cuja única função é servir ao sistema, ao poder e ao capitalismo. Como pudemos perceber, esta visão da imprensa não é corroborada nas fontes analisadas. Roberto Freire foi retratado de forma negativa em apenas duas matérias realizadas para o jornal Folha de São Paulo, enquanto que seu nome e o de sua terapia aparecem inúmeras vezes em anúncios, referências, notícias e, inclusive, matérias que apresentam uma imagem bastante positiva de Roberto Freire.

A análise dessas representações de Freire e da Somaterapia na imprensa nos permite compreender como o discurso freireano muitas vezes encontra respaldo em seu público, como sua autoimagem, a qual transparece em suas obras bibliográficas, não se trata de uma realidade deslocada e apartada de uma realidade social maior, dialogando com esta e, possivelmente, sendo retroalimentada pela mesma. Por outro lado, embora as representações negativas de Freire e da Somaterapia sejam provenientes de jornalistas que demonstram explicitamente sua aversão a estes, abordando tanto estes quanto as terapias alternativas no geral de forma bastante superficial e perniciosa, é importante ressaltar que elas também realçam um aspecto da realidade das terapias alternativas, e da Somaterapia de Roberto Freire, que muitas vezes procura-se ocultar e esquecer. Isto é, o caráter mercadológico das mesmas, como transparece nos diversos anúncios realizados sobre a Somaterapia. Compreendemos que este aspecto, de forma alguma, permite deslegitimar quaisquer prática humana, uma vez que compreendemos toda prática social como emergente de seu tempo e seu lugar social, com todas as incoerências e contradições geradas pela coexistência entre elementos radicais, revolucionários e alternativos e elementos da economia e da sociedade maior, que se manifestam tanto nas inter-relações das práticas alternativas com seu meio, quanto na própria constituição interna das mesmas, uma vez que os sujeitos que as compõem são, também, filhos de seu tempo e de sua sociedade.

Referências documentais: obra bibliográfica de Roberto Freire

FREIRE, Roberto. *Viva Eu, Viva Tu, Viva o Rabo do Tatu!*. São Paulo: Símbolo, 1977.

FREIRE, Roberto. *Soma: uma terapia anarquista*. Vol. 1: A alma é o corpo. Rio de Janeiro: Guanabara, 1988.

FREIRE, Roberto. *Soma: uma terapia anarquista*. Vol. 2: A arma é o corpo (Prática da Soma e Capoeira). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

FREIRE, Roberto. *Tesudos de todo mundo, uni-vos*. São Paulo: Siciliano, 1995.

FREIRE, Roberto. *Sem tesão não há solução*. 20. ed. São Paulo: Trigram, 2000.

FREIRE, Roberto. *Eu é um outro*. Salvador: Maianga, 2002.

Referências documentais: acervo digital da Folha de São Paulo

BLECHER, Nelson. O último guru. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 ago. 1989. Folha D, p. 20-23.

Camelôs do Ego. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 ago. 1989a. Folha D, p. 18-19.

DA PAZ, Maria. O corpo é o reflexo do tempo: O psicanalista Roberto Freire desenvolveu uma técnica que trata conflitos através da energia corporal. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 27 jan. 1985. Mulher, p. 10.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 18 nov. 1984. Mulher, p. 9.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 08 dez. 1985a. Casa e Companhia, p. 2.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 27 jul. 1986. Primeiro Caderno, p. 96.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 06 ago. 1989b. Primeiro Caderno, p. 1.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 06 set. 1989c. Primeiro Caderno, p. 3.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 01 jun. 1990. Clube Folha, p. 8.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 27 jul. 1991. Letras, p. 2.

MARINHO, Celso. O homem da alegria e da luta: um novo livro de Roberto Freire, o homem que trocou a terapia tradicional pela liberdade do corpo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 03 dez. 1977. Ilustrada, p. 1.

SANCHES, Ligia. A poesia de Ulisses chega à televisão. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 30 abr. 1981. Ilustrada, p. 8.

SOUZA, Paulo César. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 ago. 1989. Folha D, p. 23.

Terapias alternativas e tradicionais disputam os problemas dos pacientes. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 25 ago. 1985b. Primeiro Caderno, p. 27.

Violência até no futebol. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 13 mai. 1979. Folhetim, p. 13.

YAMAMOTO, Nelson Pujol. Performance nota 10. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 06 ago. 1989. Folha D, p. 24-27.

Referências bibliográficas

ALBERTINI, Paulo. Wilhelm Reich: percurso histórico e inserção do pensamento no Brasil. *Boletim de Psicologia*, v. LXI, n. 135, p. 159-176, 2011.

CESSE NETO, João da Mata Rosa. *A dinâmica de grupo numa perspectiva autogestionária: estudo de caso sobre a Somaterapia*. Tese (Doutorado em Sociologia Económica e das Organizações) – Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade Técnica de Lisboa, 2013.

CESSE NETO, João da Mata Rosa. *A arte-luta da capoeira angola e práticas libertárias*. Tese (Doutorado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2014.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. *Guardiães da Ordem: uma viagem pelas práticas psi no Brasil do “Milagre”*. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1995.

COIMBRA, Cecília Maria Bouças. Práticas “psi” no Brasil do “milagre”: algumas de suas produções. *Mnemosine*, v. 1, n. 0, p. 43-52, 2004.

OLIVEIRA, Carlos Eduardo Melo. Em busca da palavra conectada, in-corporada: a inserção da psicoterapia corporal no campo psicológico dos anos 80. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v2n2/artigos/Artigo%202%20-%20V2N2.pdf>>. Acesso em: 12 ago. 2016.

OLIVEIRA, William Vaz de. A fabricação da loucura: contracultura e antipsiquiatria. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, jan.-mar. 2011, p. 141-154.

SANTOS, William Soares; BASTOS, Lilliana. “Me tire de todos os laços que eu não agüento mais” – memória e a construção do sofrimento em uma narrativa de conversão religiosa. *ReVEL*, v. 7, n. 13, 2009. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/artigos/revel_13_memoria_e_a_construcao_do_sofrimento_em_uma_narrativa_de_conversao_religiosa.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2017.

SCHROEDER, Vera. Corpo, Arte e Política – as contribuições de Roberto Freire para a Psicologia no Brasil. *Mnemosine*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 2, p. 230-242, 2008.

SILVA, Carla Fernanda. *Arte e Anarquia: uma ética da existência em Roberto Freire*. 2015. 284 p. Tese (Doutorado em História) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR, 2015.

SIMÕES, Gustavo Ferreira. *Roberto Freire: tesão e anarquia*. 2011. 227 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

¹ SOMATERAPIA. *Roberto Freire e João da Mata*. Disponível em: <<http://www.somaterapia.com.br/soma/roberto-freire-joao-da-mata/>>. Acesso em: 30 mai. 2017.

² FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo. Diversos números. Disponível em: <<http://acervo.folha.com.br/>>. Acesso em: 05 jun. 2017.

³ Para uma lista completa das fontes utilizadas neste trabalho, c.f. *Referências Documentais: acervo digital da Folha de São Paulo*. Obviamente, ultrapassa os limites deste breve esforço historiográfico a análise de outras fontes não constadas nesta lista.

⁴ Por “campo *psi*”, compreende-se: psiquiatria, psicanálise e psicologia.

⁵ Wilhelm Reich (1897-1957), nascido em aldeia da Galícia, no então império austro-húngaro, entrou em contato com a psicanálise enquanto ainda era estudante de Medicina, em 1920. Permaneceu junto à Sociedade Psicanalítica de Viena até 1933, onde elaborou as bases do que seria chamado de Análise do Caráter e Teoria do Orgasmo, articulando psicanálise e marxismo, e desenvolveu projetos de intervenção social: a Sociedade Socialista para o Aconselhamento e a Investigação Sexual, em Viena, e a Associação Alemã para uma Política Sexual Proletária (Sexpol), em Berlim, já em 1930, quando filiou-se ao Partido Comunista Alemão. Por divergir teoricamente de Freud quanto à origem social da neurose e por enfatizar os problemas psicológicos e sexuais gerados pelo capitalismo, em detrimento dos fatores econômicos, foi expulso da Sociedade Psicanalítica em 1933 e do Partido Comunista em 1934. Defendia que a neurose era causada por limitações ao potencial orgástico das pessoas, defendendo que o orgasmo total era condição primária para uma vida saudável. Publicou, dentre outras obras, *Psicologia de Massas do Fascismo* (1933), *A revolução sexual* (1936), *A função do orgasmo* (1942) e *Análise do Caráter* (1949). (ALBERTINI, 2011).

⁶ José Ângelo Gaiarsa foi o pioneiro na introdução do pensamento reichiano no Brasil (ALBERTINI, 2011; COIMBRA, 1995). “[...] inspirando-se em Reich e Jung, formulou orientações para a área da psicoterapia e efetuou, no campo da cultura, afinado com o espírito da época, um trabalho crítico em relação à moral sexual repressiva” (ALBERTINI, 2011, p. 171).

⁷ David Boadella, com Alexander Lowen e Gerda Boyesen, é um dos principais discípulos de Wilhelm Reich nos Estados Unidos (COIMBRA, 1995).

⁸ Entretanto, a autora não deixa de direcionar suas dúvidas em relação à terapia de Freire: “será que as práticas da Somaterapia, efetivamente, inauguram e/ou consolidam espaços instituintes, espaços singulares e de luta, mesmo que provisórios? Será que, apesar desse discurso político, suas práticas não continuam marcadas pelo humanismo-existencial tão presente nas que se originam do Movimento do Potencial Humano?”. Afirma, ainda, que “nessas práticas que se pretendem ‘anarquistas’ [...] encontramos algumas das características humanistas apontadas por Castel: ‘...um rousseauismo sonhador que exalta a espontaneidade e pretende lutar contra as alienações e constrangimentos em nome da transparência dos indivíduos...’ [...], da sua ‘autonomia’, da sua ‘conscientização’, do seu ‘crescimento’, acrescentaria eu. O que não fugiria ao humanismo-existencial e à produção de subjetividades voltadas para o privado, para o intimismo, para a falta.” (COIMBRA, 1995, p. 287, grifos da autora). Este trecho da obra de Coimbra, em que Freire aparece como o único a falar de política, é citado por somaterapeutas como João da Mata e Vera Schroeder (CESSE NETO, 2013, p. 160; CESSE NETO, 2014, p. 183; SCHROEDER, 2008, p. 231), porém, os somaterapeutas dão a impressão de simplesmente não ter lido os parágrafos seguintes da historiadora, uma vez que suas dúvidas e críticas a Freire são completamente ignoradas por aqueles.

⁹ “A somaterapia é uma das muitas ramificações do caminho ‘libertário’ que alguns supostos heredes da psicanálise seguiram para contestar o divã freudiano” (FOLHA DE SÃO PAULO, 1989, p. 18). Temos a impressão de que o autor aqui fala especificamente da Somaterapia, apenas, pois não são apresentadas na matéria nenhuma outra dessas “ramificações”. Além disso, não temos conhecimento de outra prática terapêutica do período que tenha reivindicado o caráter “libertário” tal qual defendido pela Somaterapia. É possível, no entanto, que o jornalista tenha interpretado o termo “libertário” a seu modo, compreendendo com essa característica outras terapias alternativas que tivesse conhecimento e colocando-as, dessa forma, na mesma trilha da Somaterapia.

¹⁰ No texto inicial da reportagem não consta assinatura de autoria. A reportagem é composta por três seções internas, assinadas, respectivamente, por Nelson Blecher, Paulo César Souza e Nelson Pujol Yamamoto.

¹¹ Rajneesh Chandra Mohan Jain, também conhecido apenas por Osho, foi fundador de um movimento religioso, primeiro na Índia e mais tarde nos Estados Unidos. “Durante a década de 1970 foi conhecido pelo nome de Bhagwan Shree Rajneesh e mais tarde como Osho.” (SANTOS; BASTOS, 2009, p. 6).

¹² FOLHA de São Paulo, Primeiro Caderno, p. 3, 06/09/1989.